

## Antipsiquiatria e Antipsicanálise<sup>1</sup>

Ignacio Martín-Baró. Estudios Centroamericanos (ECA), n. 28, v. 293/294, p. 203-206, 1973

Estar na moda tem suas vantagens e desvantagens. O castiçal [candelero] facilmente se torna um pelourinho [picota]<sup>2</sup>, e a mesma tribuna pública que serve para a homenagem pode chegar a servir de força. Isso é o que está acontecendo com as ciências psicológicas que, desfrutando como desfrutaram de uma apreciação incomum e de uma demanda reconfortante, chamaram demasiada atenção para si mesmas. E a atenção persistente aos poucos se torna crítica, descobrindo rugas por trás da maquiagem.

Nesse contexto de atenção, que envolve experimentação e estudo, explica-se a emergência dos “anti”: uma antipsiquiatria, uma antipsicanálise e – não demorará muito, certamente – uma antipsicologia. Oposições que não se dirigem tanto à ciência em si, mas aos seus condicionamentos ideológicos. Não se trata de lutar contra a psiquiatria enquanto ciência da doença [enfermedad] psíquica; se luta contra uma concepção de doença [enfermedad] psíquica demasiadamente condicionada por uma ideologia e um tipo de sociedade; se trata não de destruir a ciência, mas de purificá-la de uma subserviência mais ou menos inconsciente que de fato subordina a verdade aos interesses dos poderes estabelecidos. É muito significativo que as ciências psicológicas de origem americana tenham considerado como critério e ideal de saúde mental o “ajustamento” (e não a adaptação, termo muito mais ambicioso e complexo, embora às vezes tenham sido usados como sinônimos), finalmente convertido em acomodação conformista à sociedade estabelecida. Contra essa deplorável abordagem surgem, com todo o vigor de uma ciência cada vez mais madura e, portanto, mais autoconfiante, as críticas mais radicais dos mais diversos lugares.

O que é a **antipsiquiatria**? É um movimento que, consciente da historicidade de toda ciência, afirma que as definições de saúde e doença mental envolvem um juízo de valor e, portanto, implicam uma ideologia. “Quanto às muitas formas psiquiátricas – disse [Giovanni] Berlinguer em seu apaixonante livrinho **Psiquiatria e poder**<sup>3</sup> –, a definição é mais social do que objetivamente científica, quer dizer que se postula em termos de incompatibilidade com o modo de vida comum”. Isso significa que a doença mental constitui, em muitos casos, um expediente final e precioso para eliminar do jogo social aqueles que em seu modo de vida se opõem ao sistema estabelecido ou não querem entrar em suas categorias. “Ele é louco.” “Ele desliza [patina<sup>4</sup>].” E não haverá sequer uma tentativa de entrar em discussão ou luta com ele; simplesmente, ele é isolado em um hospital psiquiátrico. Como em **Laranja Mecânica** de S. Kubrich, a clínica substitui a prisão e o paciente, criminoso por seu desacordo com a sociedade, é entregue às mãos dos especialistas do cérebro, dos reflexos e forças instintivas, agora convertidos em guardiões do poder estabelecido.

Que isto é assim, já foi amplamente comprovado pelo que aconteceu há algum tempo no hospital psiquiátrico de Gorizia, onde a equipe médica, liderada pelo Dr. Basaglia (autor de **O doente artificial**<sup>5</sup>, uma terrível alegação contra esta situação), se recusou a cumprir com seu papel carcerário. A simples notícia de que se deixaria em liberdade “os loucos” causou pânico na população e até confronto com a polícia. Com poucas variáveis, essa situação se reproduziu em vários lugares que tentaram tratar os doentes como meros seres humanos, cujo sofrimento [achagues] não os impedem de serem pessoas. Então, terá razão [Thomas] Szasz quando afirma que a loucura é simplesmente um comportamento divergente, ou E. Corri quando diz que a loucura é “um comportamento normal em relação a situações anormais”? De qualquer forma, o que não há dúvida é que a doença mental não é apenas um juízo de valor negativo, condicionado pela sociedade que o emite, mas frequentemente se converte em um juízo repressivo. G. Jervis pôde escrever que “está se redescobrimo nos últimos anos que os loucos dos manicômios não se tornaram assim por causa da evolução de um processo patológico, mas porque os hospitais psiquiátricos tradicionais são fábricas de pacientes”.

A antipsiquiatria questiona abertamente a razão de todo esse estado de coisas. Que interesses estão escondidos por trás dessas formas sutis de repressão? Que lacunas se trata de preencher com estas categorias? Que defeitos pretendem esconder com esses tratamentos psiquiátricos? Eis aqui a questão de fundo que fomenta o movimento da antipsiquiatria. Uma pergunta consciente e voluntariamente política. Porque política é, sem dúvida, a opção inconsciente da psiquiatria atualmente em uso. Uma opção pelo sistema estabelecido, pelos valores do individualismo, “o consumo e a concorrência, que, para nós latino-americanos e, em geral, para todo o mundo da pobreza,

é algo como assim uma opção da psiquiatria em favor de nossa eterna opressão e escravidão que parecem sem fim [*sempiternas*]. Assim, não é de se estranhar - como aponta [Bruce] Ennis em seu livro **Prisioneiros da Psiquiatria**<sup>6</sup> - que são os pobres, os negros e os idosos quem mais são frequentemente encarcerados contra suas próprias vontades em instituições psiquiátricas. Nem é de surpreender que, no campo profissional da psicologia, os psicólogos se preocupam mais com a seleção e acomodação do trabalhador na fábrica, escritório ou oficina do que com a socialização do trabalho e com o apoio e fortalecimento das demandas dos marginalizados. Que, ao invés de ajudar a configurar uma comunidade humana, a psicologia torna-se um instrumento de marginalização e opressão.

No campo da psicologia e da psiquiatria - escreve Berlinguer - há uma profunda crise institucional e doutrinária. A questão essencial é a seguinte: **é possível efetuar uma inversão análoga à efetuada por Marx com a crítica da economia política?** Marx revelou abertamente o caráter mistificador de uma ciência que ocultava as relações de produção capitalistas por trás de princípios econômicos "válidos para toda a eternidade", e, ao mesmo tempo, lançou as bases teóricas do processo de emancipação dos trabalhadores. A antipsiquiatria quer libertar-se dos interesses sujos escondidos por trás de muitos diagnósticos, alegadamente assépticos, de muitas terapias alegadamente bem-intencionadas. Quer desalienar uma ciência e uma profissão que, por definição, se ocupam da alienação humana. O ponto é que talvez não sejam os indivíduos os que necessitam de tratamento, mas a sociedade. E o tratamento da sociedade se chama revolução. A antipsiquiatria quer reproduzir o gesto de Pinel numa escala social, ao menos no que diz respeito a ela.

Algo semelhante também está acontecendo no campo da psicanálise, com um movimento que poderíamos chamar de **antipsicanálise**, apesar de ter alguns antecedentes na história do movimento psicanalítico (ver, por exemplo, os documentos compilados por Hans-Peter Gente em **Marxismo, psicanálise e sex-pol'**). Sabe-se que a psicanálise não só nasceu em um meio burguês, mas tem se desenvolvido e florescido como um tratamento para ricos, feito por especialistas que tiveram que passar por uma formação muito cara, acessível a uma minoria privilegiada. Tanto é assim, que hoje em dia a psicanálise constitui mais uma base na qual se funda o atual sistema capitalista (o que, pensando bem, não deixa de ser um curioso paradoxo).

Movimentos dissidentes, de tendência francamente socialista, como foram os de Adler ou da escola neo-freudiana (Horney, Fromm, etc.) conseguiram ser assimilados pela sociedade estabelecida, à qual prestaram e continuam a prestar excelentes serviços. Com grande habilidade, Marcuse pôde afirmar que, na história psicanalítica, o princípio de realidade tornou-se gradualmente o princípio do rendimento ("*Leistungsprinzip*") que consagra; não só aquela repressão necessária para a convivência social, mas até mesmo a repressão excedente [*sobrante*]. A função do homem não seria mais a de agir, mas sim de render, o que quer dizer, agir criando mercadorias, o que acabaria por instrumentalizar todas as relações humanas. E isso é o que acontece, de fato, com a benção e o apoio da maioria dos psicanalistas.

Porém, pouco a pouco, por toda parte e entre as próprias fileiras dos analistas, começam a surgir vozes críticas e dissidentes contra esse "concerto" [*arreglito*] sujo. É o caso de um Caruso, um Fanon ou de um Castillo del Pino. Como é o caso de um bom grupo de psicanalistas argentinos e uruguaios que, impelidos por uma série de acontecimentos recentes ocorridos em seus países, se questionam e questionam a fundo, não apenas os fundamentos teóricos de sua ciência, mas também os pressupostos sociais e ideológicos de sua profissão (ver: **Questionamos. Documentos para a localização atual da psicanálise**, compilação de Marie Langer<sup>8</sup>). "Questionamos - diz Marie Langer - as omissões que comete o pensamento psicanalítico presente. Recalca [*Escotomiza*] a forma que a estrutura de nossa sociedade capitalista entra, através da família, como cúmplice na determinação das neuroses, e que se introduz, através de nosso pertencimento de classe, em nossa prática clínica, invade nosso enquadramento e distorce nossos critérios de cura... Questionamos o Freud ideológico que toma a sociedade que dada e o homem como fundamentalmente imutável. Questionamos, ademais, a institucionalização atual da psicanálise e seu pacto com a classe dominante".

Antipsiquiatria e antipsicanálise são expressões de uma nova consciência social sobre o condicionamento das ciências e, muito mais, sobre a alienação do exercício profissional. Uma consciência disposta a não seguir ocultando a verdade em benefício de uns poucos para prejuízo das massas oprimidas. Uma consciência de que "a neurose de um indivíduo é sempre o sintoma de uma doença da sociedade" e que, portanto, o problema não se resolve de maneira alguma "curando" o indivíduo, isto é, ajustando-o a essa sociedade. Uma consciência de que

a psicologia se converteu em serva acrítica de interesses bastardos. Uma consciência, por fim, de que toda a ciência e toda prática, por serem históricas, são políticas, e isto para o bem e para o mal. Quanto a isso, é significativa a afirmação de Marie Langer: “Para que a nossa ciência sobreviva na nova sociedade que se aproxima, e

para que possa complementar com seu conhecimento psicológico, desta vez não renunciaremos nem ao marxismo nem à psicanálise”. Mas bem sabe Marie Langer que, para que surja uma sociedade nova, essa ciência, talvez, tenha que deixar de ser não apenas **esta** ciência, mas deixar de ser **nossa**.

---

<sup>1</sup> Texto inédito traduzido por Pedro Henrique Antunes da Costa, Professor do Departamento de Psicologia Clínica e Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura, da Universidade de Brasília (UnB). Versão original disponível em [https://www.uca.edu.sv/coleccion-digital-IMB/wp-content/uploads/2015/10/1973Antipsiquiatr%c3%adaypsicoan%c3%a1lisisECA1973-28-293\\_294-203\\_206.pdf](https://www.uca.edu.sv/coleccion-digital-IMB/wp-content/uploads/2015/10/1973Antipsiquiatr%c3%adaypsicoan%c3%a1lisisECA1973-28-293_294-203_206.pdf). Os grifos pelo autor em negrito foram mantidos. Notas do tradutor (NT) foram acrescentadas para facilitar a leitura e o entendimento de determinados elementos do texto. Quanto aos trabalhos citados por Martín-Baró, optou-se por traduzir no corpo do texto para o português, mas com suas informações originais – e completas – nas notas. No caso de a produção ter sido traduzida ao português e publicada no Brasil, optamos por colocar a referência da versão em português.

<sup>2</sup> Pelourinho ou picota, era uma coluna geralmente de pedra colocada em espaços públicos de cidades ou vilas para que pessoas fossem castigadas. No Brasil, foi muito utilizado para a punição de escravizados, que neles eram amarrados e torturados, ficando em exposição, à vista de todos, para que fossem ainda mais humilhados, com tal ato também servindo como mensagem a outros escravizados, como forma de controle. Com isso, Martín-Baró quer dizer que o castiçal que joga luz em algo e o expõe, pode fazê-lo de modo a tornar-se uma picota, para torná-lo alvo de crítica, enxovalhá-lo. (NT)

<sup>3</sup> Psiquiatria y poder, Editora Granica (1972). (NT)

<sup>4</sup> O sentido aqui é de desvio; o louco como desviante. (NT)

<sup>5</sup> Carta de Nova York: o doente artificial. In BASAGLIA, F. Escritos seleccionados em saúde mental e reforma psiquiátrica. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 91-132. (NT)

<sup>6</sup> Prisoners of Psychiatry: Mental Patients, Psychiatrists, and the Law. Harcourt Editorial, 1972. (NT)

<sup>7</sup> Marxismo, psicoanálisis y sexpol. I. Documentos. Organização de Hans-Peter Gente. Granica Editora, 1972. (NT)

<sup>8</sup> Questionamos. Documentos a la ubicación actual del psicoanálisis. Organização de Marie Langer. Granica Editora, 1971. (NT)